

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE ENFERMAGEM

**NUPEQS * Núcleo de Pesquisas e Estudos
sobre Quotidiano em Saúde**

Sub-Grupo História Oral

***A História da Escola de Enfermagem Carlos
Chagas***

HELENA PEREIRA

Belo Horizonte

Minas Gerais

Traços Biográficos

HELENA PEREIRA

Nasceu em 13 de agosto de 1923, em Cordisburgo-MG, fez o curso colegial e normal no Colégio Imaculada. Lecionou por um ano em Belo Horizonte, voltando a seguir à sua cidade natal. Transferiu-se com a família para Belo Horizonte posteriormente, para facilitar a educação dos irmãos.

Preparava-se para fazer o curso de administração escolar quando Calina da Silveira Guimarães, aluna da Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC) e sua conterrânea a convenceu a fazer o curso de enfermagem, argumentando que tinha tendência já que era chamada para aplicar injeções. Seu período de vivência na EECC foi de 1946 a 1949.

Na sua época o internato era na rua Estevão Pinto, e em 1948, uma turma foi transferida para a rua da Bahia devido ao grande número de alunas. Sua turma começou com mais de 20 e só se formaram 12. Acredita que as desistências se deram devido a “seriedade” e “severidade” do curso, apesar de muitas alunas serem bolsistas do SESI, da Secretaria de Saúde e da Rede Ferroviária.

Nos seis primeiros meses, que denominavam de período preliminar, as aulas teóricas e de laboratório eram dadas na rua da Bahia, e, após a cerimônia de entrega das insígnias.

Fez estágios no Hospital Municipal, no Pronto Socorro e, no último período assumiu o hospital na cidade de Rio Acima com outra colega do curso.

Não houve solenidade de formatura em sua turma devido à situação difícil que vivia a escola com a mudança de diretora e articulação para anexação à faculdade de medicina.

Não teve dificuldades no Curso de Especialização em Saúde Pública que fez em São Paulo juntamente com outras 30 enfermeiras procedentes do Brasil e de outros países de língua portuguesa, devido à experiência que teve na EECC.

Recebeu uma homenagem da Associação Brasileira de Enfermagem - Seção Minas Gerais - (ABEn-MG), devido à sua significativa participação na entidade, na comemoração da Semana Brasileira de Enfermagem de 1995.

Apesar de ainda se sentir capaz de trabalhar “como qualquer outra pessoa de menor idade” foi compulsoriamente aposentada ao completar 70 anos de idade.

Atualmente desenvolve um trabalho com idosos numa favela de Belo Horizonte com amigas do Grupo de Oração.

SUMÁRIO

LADO A

Sua infância; a vida em família; a educação dos irmãos; a atuação como professora; o incentivo ao concurso de enfermagem; a sua turma que foi uma das maiores daquela época; os diversos tipos de bolsas; o rigor do internato; a sede da escola, do internato; as aulas teóricas; as aulas práticas; o período preliminar; os campos de estágio; as instrutoras; a imposição das insígnias; a exigência do curso; a desistência de algumas colegas; a severidade dos estágios; as férias; o relacionamento com funcionário; o estágio em Rio Acima; o período de transição da escola de estadual para federal; a chegada da Ir. Villac; Waleska Paixão como diretora; a saída da Waleska ; a transferência de algumas alunas; a ausência da solenidade de formatura da sua turma; a prestação de serviço para a comunidade; os plantões particulares dados só pelas alunas internas.

LADO B

A prestação de serviço em enchentes; o quarto coruja; a vida profissional; sua rápida nomeação como enfermeira de saúde pública; sua atuação; a especialização em São Paulo; as colegas da especialização; os partos que realizava; como enfermeiro o é visto pela sociedade; sua atuação no Hospital Júlia Kubitschek; a participação na ABEn; os encontros e os desencontros do congresso de 84; a homenagem que recebeu na Semana Brasileira de Enfermagem de 1995; a aposentadoria compulsória; a escolha pela enfermagem; a vida de aposentada; o trabalho na comunidade; os problemas que enfrenta nesse trabalho; a felicidade enquanto profissional da saúde.

LADO A

Geralda: Seu nome completo?

Helena: Helena Pereira.

G.: Quando que você nasceu Helena?

H.: 13 de agosto de 1924.

G.: Onde que você nasceu?

H.: Cordisburgo - MG.

G.: Cordisburgo. Estado civil, Helena.

H.: Solteira.

G.: Ô Helena fala pra gente um pouco sobre a sua vida na infância, sua família, né, a cidade onde que você nasceu, como é que era sua história?

H.: Bom, eu nasci em Cordisburgo mas morei sempre em Belo Horizonte, né. Período colegial fiz no Colégio Imaculada, e até o curso de professora, né? E minha infância é com meus pais, meus irmãos, 8 irmãos; 8 do segundo casamento e mais 5 do primeiro são 13 ao todo. E passei uma infância muito boa, muito boa mesmo. Depois de que me fiz professora eu fui leciona, lecionei aqui em Belo Horizonte por um período de quase um ano, um ano e pouco, depois fui para o interior, Cordisburgo onde eu lecionei lá mais de 2 anos.

G.: Qual o motivo de você ter vindo para Belo Horizonte com a sua família?

H.: O motivo de é, justamente para a educação dos filhos, meu pai saiu de lá pra educar os filhos, escolas boas, os mais velhos estavam todos internados. Antigamente tinha internato, né? Então o estudo era todo feito interno, e como já estavam volumando ele mudou-se para Belo Horizonte, né, para educar os filhos.

Valda: Onde você morava aqui em Belo Horizonte?

H.: Morava. a princípio eu morei na Lagoinha [bairro de BH]. Rua, rua Diamantina.

G.: Na sua família você disse que tem 8 irmãos, como que era a vida em família, a formação religiosa, como que era a relação de você com seus pais, com seus irmãos?

H.: Ah, foi muito boa, muito boa, sabe? Com formação religiosa católica, foi muito boa.

V.: O que é muito bom assim, quando você fala muito boa o que te vem na lembrança, Helena?

H.: Bom, um período harmonioso, com bastante harmonia apesar de minha mãe, meu pai ter sido casado duas vezes e ter enteados, 5 enteados, eles nos consideravam muito e vivemos na maior harmonia, sabe? Felizmente, né, [risos] porque geralmente não acontece isso.

G.: Helena você disse que formou como professora no Colégio Imaculada, trabalhou em Belo Horizonte, depois trabalhou em Cordisburgo como professora, né, um período, fala pra gente sobre essa vida enquanto professora, como é que era isso, como que era sua relação com, com o ensino?

H.: Olha como professora eu fui muito bem, felizmente gostava muito de lecionar fui muito bem, me dei muito bem, sabe? Depois é que, aconteceu que eu era assim bem jovem, né, que eu me formei com 16 anos, 16 pra 17 anos, né, logo comecei a lecionar e no interior eu falei bom, ficar aqui eu não quero ficar não, comecei a me preparar para fazer Administração Escolar que era o, um curso que seguia também a carreira de magistério, né, era, não era nível superior nem um profissional mais avançado que dava assim a oportunidade da pessoa ser uma diretora, uma orientadora escolar. Então estava já comecei a me preparar para fazer esse curso porque eu já tinha uma irmã que era que tinha feito. Quando eu vim fazer, estava aqui me preparando foi que um amigo disse assim: “Não você não vai ser, vai ficar fazendo esse curso não, você vai fazer é enfermagem porque a matrícula lá tá a matrícula aberta, vai ter um concurso porque era concurso na própria escola, né, tem um concurso aberto cê vai fazer é lá na Escola que você tem jeito é pra ser enfermeira, não é pra ser professora não”.

G.: Quer dizer que acharam que você tinha jeito era pra ser enfermeira?

H.: É porque naquela época meu pai era mais velho é eu já fazia injeção no meu pai, sabe. Papai tinha um amigo muito grande, [Agildo] Vasconcelos que era amigo particular de meu pai, e ele então falava assim: “Você vai fazer injeção no seu pai”. E então, eu comecei, ele me ensinou, comecei a fazer injeção no meu pai, sabe? Não, lá no interior eu fazia, o pessoal me chamava pra fazer injeção e eu fazia [risos] não entendia e fazia

V.: Essa pessoa que te falou isso, ela era profissional, trabalhava na área?

H.: Já, foi Calina da Silveira Guimarães que, ela tinha entrado para escola era professora lá em Cordisburgo também e ela fez um período na minha frente, sabe? “Não, você vai sim, vai ser enfermeira; eles colocaram matrícula aberta, concurso aberto agora, você vai fazer, vai lá se inscreve e vai fazer o concurso”.

G.: Como que foi esse concurso?

H.: Em Julho de 46.

G.: Como é que era, que tipo de concurso que era, se era teste, como é que era?

H.: Era uma prova, uma prova de seleção, né, tinha português, é matemática, história geral. É um concurso assim sério, correto, sabe?

G.: Mais alguma outra coisa que influenciou você a prestar esse concurso, ou foi só essa pessoa, o fato de você já, fazer injeção no seu pai?

H.: Não, foi isso, mas nem tinha...nem pensava em ser enfermeira, não.

V.: Helena, é, nesse período antes de você começar fazer enfermagem, foi o período de pós guerra, você se lembra de alguma coisa, como é que foi, ser adolescente praticamente no período de guerra alguma informação?

H.: Não, participava muito não.

V.: Não se falava da guerra?

H.: Não, falar falava mas eu não participava, né, quer dizer, não me lembro assim de participação aqui nesse sentido.

V.: Nada de significativo, né?

H.: É, não me lembro não.

G.: Helena, como que a sua família, seus parentes, amigos, como que eles reagiram na época de você falar que ia fazer enfermagem, e não administração escolar? Como eles reagiram?

H.: Não, não fizeram objeção não.

G.: Nem uma objeção?

H.: Não, não.

G.: É, o início do curso, fala pra gente como que foi o início desse curso, que tipo de orientação que você teve, o que você se lembra de quando você começou a fazer o curso?(...)

H.: Ah, o curso em si é um curso comum né, como apresentando as matérias todas iniciais, né? Não tinha assim nada diferente assim, quer dizer na minha opinião.

G.: É, então fala pra gente, é, dessa mudança sua, de Cordisburgo pra fazer o curso de enfermagem, quando que você veio, onde que você foi morar?

H.: Minha família já morava aqui, fui morar com a minha família, né?

G.: Você voltou a morar com a sua família?

H.: É, voltei a morar.

G.: É, nesse período existiam alunas que ficavam internas, tinha internato, né. Você se lembra de colegas que viviam no internato?

H.: Sim, nossa turma foi uma das turmas maiores, né, da escola que a escola antigamente as turmas eram bem pequenas, né? E, minha turma foi uma turma até grande começamos parece que vinte e tantas alunas, fomos uma turma grande. Naquela época vinte e poucas alunas, e, haviam bolsistas do SESI, e bolsista da secretaria de saúde que na época a escola era estadual, né? A Escola de Enfermagem Carlos Chagas do Estado de Minas Gerais, era estadual, e, tinha algumas bolsistas da rede, a rede abriu também uma inscrição, e para algumas eles tinham serviço médico, então abriu inscrição pra funcionários da rede e tinham algumas bolsistas da rede.

G.: Que rede que era essa?

H.: Rede ferroviária federal.

G.: Então tinha essas bolsistas da rede, do SESC?

H.: SESI e do Estado.

V.: Helena, por que será que teve uma, que a sua turma foi tão grande, teve algum fator?

H.: Algum, não sei, deve ter sido alguma propaganda. Deve ter sido propaganda anterior, né, [risos] porque geralmente as turmas, tinha turmas que me antecederam que era de 4 alunas, né? E a nossa foi assim bem maior. Formamos acho que mais 12, eu não me lembro bem quantas, não me recordo no momento.

G.: Você lembra de algum, de algum caso, [interrupção] de alguma referência ao internato as suas colegas que moravam no internato como que elas diziam, como que era a vida no internato?

H.: Olha naquela época era assim uma vida assim mais tempera, não era tão liberal como hoje, né? Tinha um regulamento entrada, saída, né. A gente tinha regulamento pra entrar até 9:00 horas só, quer dizer eu não, não era interna mais tinha esse regulamento na escola. E a, a nossa, a sede da, das aulas era aqui na Av. Brasil, né. Era na altura ali onde é o Centro Médico do Coração por ali, né. Tinha uma casa grande até boa, confortável onde era a secretaria da escola e era as aulas, né as salas de aula. E lá no internato era: o internato e onde a gente tinha as aulas de educação física também.

V.: Onde era o internato?

H.: O internato é na rua Estêvão Pinto, na Serra [bairro de BH]. Uma casarão lá muito bom, bastante confortável, uma chácara boa. As alunas gostavam, era bem assim meio apertado porque tinha horário prá tudo, né, mas era...

V.: É, em 48 houve, talvez porque a turma era grande abriu-se um outro internato na rua da Bahia, você se lembra?

H.: Lembro, lembro sim, é aliás as turmas que nos sucederam foram maiores também, né? (...)

G.: Você disse que o ensino era lá na Av. Brasil. Como que era o ensino teórico, essa parte teórica que aulas que você tinham, que disciplinas, quem que eram os professores, o que que você se lembra?

H.: As aulas eram do currículo, né, do currículo escolar, professores assim, nominal não me recordo assim de todos, né?

G.: Algum disciplina assim mais marcante, que você gostou mais?

H.: Ah, naquela época a gente era, era bem, bem apertado não dava você tinha que correr atrás, né?

G.: Hum, hum. E o ensino prático onde que eram dadas as aulas práticas quem que davam essas aulas?

H.: Olha, o primeiro período era, quer dizer no período chamava período chamava-se preliminar, né, onde você tinha as aulas, as aulas teóricas e já iniciava as aulas prat, as aulas práticas, né, com a instrutora, né? E 6 meses assim, depois de 6 meses no outro período é que tinha que começar a participar de, de ensino prático mesmo que nós fomos para os estágios, né? E na época o nosso estágio já, já iniciamos no Hospital

Municipal, que a Escola tinha convênio com o Hospital Municipal, Pronto Socorro, do Hospital também, e tinha o, um hospital também que ela tinha um convênio Rio Acima, Hospital de Rio Acima. Mas as alunas só iam para o Hospital de Rio Acima no último, no último período, né. E no, no 2º, 2º período já começamos sério na, na, nos Hospitais, né, Pronto Socorro e o Municipal.

G.: Quem que eram essas instrutoras, cê lembra, alunas de curso?

H.: Não, enfermeiras mesmo, enfermeiras já graduadas, e que acompanhavam as alunas não só na, na parte prática como no hospital a gente ficava sem as alunas, né. Tinham várias Maria do Rosário, Eliete Negromonte, que era de, que era responsável por nossa turma.

G.: Aluna de um período mais adiantado, ela não supervisionava aluna de um primeiro período.

H.: Ah, não, não. Supervisionava assim indiretamente, né? Porque a..., indiretamente mas sempre, sempre com a instrutora, né?

G.: Helena, esse período que você chamou, que os primeiros 6 meses de preliminar pra depois você ir para a prática, é, qual que era as exigências para ir para a prática?

H.: Não, você tinha que ter todas as matérias já preparadas, né? Quer dizer com, com nota a mínima de todas as matérias pra você poder passar o período. Porque senão você tinha a repetência, né? Aí você passava para o período seguinte.

G.: Na década de 30 no início da escola existia a imposição de insígnias, você foi desse período que existia cerimônia de imposição de insígnias?

H.: Fui, quer dizer com, com, no período de 6 meses você, você, então recebia a touca, né, tinha uma cerimônia solene e como é que é? A touca, o distintivo da Escola, né, acho que era o distintivo. Era uma cerimônia muito solene, chique mesmo, viu [risos] ficava [feliz] [risos]. E aí você estava pronta pra ir pra prática.

G.: É isso que não está muito claro, às vezes, pra gente na história, essa, essa, essa solenidade dessa imposição, o significado que era isso pra várias alunas?

H.: Ah, mas isso era muito bom, isso era ótimo para as alunas todo mundo ficava muito feliz e contente de participar da..., de ser, de ser tida na, quer dizer seria como, como uma admissão realmente na escola, né? Participar, uma participação real na Escola. Acho que toda aluna ficava feliz.

G.: Era um marco, né, de, de admissão na escola?

H.: É, é.

G.: A turma você já disse que a turma foi grande, né. Foi uma das turmas, foi a 1ª turma, né, em termo de número de alunos, mas às vezes ainda alunas desistiam do curso principalmente antes dessa fase da prática, né o que você acha que as alunas desistiam, isso nesse período, ou antes, depois o que, que você acha que as alunas desistiam do curso, quais os motivos?

H.: Olha, eu acho assim pela seriedade do, do que era o curso, né, era um curso assim bastante sério, exigente, né, quer dizer as alunas teriam aquele horário, né, a cumprir, matéria a cumprir, horário a cumprir, né, certas determinações a cumprir, sabe? Seria isso, não?

V.: Você acha que é em decorrência dessas exigências?

H.: Acho que é claro.

V.: Você se lembra de alguma colega sua que desistiu?

H.: Ah, muitas, muitas da rede mesmo, umas duas ou três desistiram, quer dizer mais na frente não foi nesse 1º período não. Elas já tinham iniciado a...

V.: ...os estágios.

H.: Os estágios já.

G.: E por que?

H.: Porque nos estágio você tinha a obrigação de assistir as aulas e cumprir os estágios, você não podia perder nem aula, nem estágio, né, então você tinha, isso era bem severo mesmo, né, cê tinha prova, cê tinha horário das aulas, cê tinha estágio e não podia perder nada, inclusive serviço noturno, né, que a gente fazia já no 3º, no 3º período eu fui fazer serviço noturno e tinha prova, e saía de lá e fazia prova e fazia. Então era bem, bem assim, bem severo, né, não era.

V.: Vocês saíam do plantão e iam direto pra aula.

H.: Direto pra aula.

V.: Sem descanso.

H.: Não, sem descanso, ia prá aula..

G.: E férias?

H.: Tínhamos as férias tinha um mês de férias.

V.: Helena, só um pouquinho. Essas que saíram depois, durante o curso você acha que pelo mesmo motivo?

H.: Bom, não, não fiquei, não fiquei sabendo não.

V.: Não teve nenhuma...

H.: Não, não, não sei do motivo.

V.: Nada que se tenha tomado conhecimento, na divergência na Escola.

H.: Não, não, não tenho.

G.: Como que era o relacionamento das alunas com os professores, com os funcionários da Escola, com os funcionários do hospital como é que era esse relacionamento?

H.: Eu acho que muito bom, eu, eu achava muito bom, não tinha assim problema de relacionamento.

G.: Qual estágio que você mais gostou? Foi mais marcante pra você o estágio?

H.: (...) Ah, eu gostei, [risos] eu não tinha muita preferência, não né.

G.: Algum paciente, especial, ou alguma situação de, né, de atendimento que foi marcante pra você?

H.: Não porque os estágios a gente tinha determinado período, né, num, não dava pra você, né, assim permanecer por muito tempo, né.

V.: Você foi pra Rio Acima? Como é que foi lá?

H.: Ah, Rio Acima foi uma experiência muito boa, sabe? Primeiro porque eu fui pra Rio Acima no, no último período. E naquele período de transição da Escola e que da, da, porque na minha turma foi o período de transição da estadual pra federal. Então a Escola estava assim até com uma certa dificuldade de, de instrutores, eu e mais uma outra colega que ficamos lá na, na, no hospital com a responsabilidade de todo o hospital, né, o hospital era um hospital com (...) acho que com uns trinta leitos né, tinha sala de cirurgia, sala de parto, tinha um ambulatório que atendia mais ou menos umas trezentas pessoas diariamente tinha (...) como é isso que o povo chama [risos] era distribuição de mamadeiras, né, no ambulatório...

V.: Lactário. *Isa não porque era aluna externa*

H.: Lactário, lá tinha um lactário, que fazia distribuição de mais de trezentas mamadeiras então, nós, a, a minha colega e eu ficamos com a responsabilidade de todo

o hospital, sabe? Mas nesta época nós já estávamos com todos os estágios prontos e então foi assim muito bom que a parte de administração hospitalar, nós já tínhamos também a parte teórica, nós pudemos né, exercitar. E nós como alunas já terminando, e tinha auxiliares lá, auxiliares e tinha acho que duas auxiliares de enfermagem muito boas e tinha atendentes, também né. Então lá nós tivemos quase todos os estágios cirurgias, sala de parto nós fazíamos uma média de 2, 3 partos por se, por noite, né. E tinha cirurgia também e além da parte clínica. E a parte clínica nós vimos tudo, né, grandes queimados, pequenos queimados, curativos a vontade foi um estágio muito bom mas, muito bom.

G.: Ô, Helena, além des, das dificuldades de instrutora que a Escola estava vivendo nesse período de transição, quais outras dificuldades que a Escola viveu nesse período?

H.: (...) Bom, assim... na organização a gente já como aluna não participava, né? Já participava, quer dizer esse período que a gente que eu lembro foi esse período que nós estávamos em Rio Acima quando eu voltei do estágio foi justamente com a chegada da, da, da [risos] freira que assumiu, né, Ir. Villac, né, da Ir. Villac, vocês já sabem desse período.

G.: O seu período de aluna quem que era diretora?

H.: É, dona Waleska, dona Waleska Paixão.

G.: Dona Waleska.

H.: E a vice-diretora dona Rosa.

G.: Você quer falar um pouquinho da dona Waleska?

H.: Bom, não tem muito o que falar não[riso]. Ela é uma pessoa assim muitíssimo inteligente, né, a, a parte de ética era dado por ela, várias matérias ela dava na Escola principalmente Ética, História da Enfermagem era ela que dava, ética também era ela que dava, e a gente tinha o maior respeito o maior carinho por ela.

[Inaudível barulho externo] era com as alunas também, apesar de assim, muito solene, mas uma pessoa muito boa.

V.: Era fácil aproximar dela?

H.: Era, era. Eu não porque era aluna externa [risos] não tinha como

H.: Ah, eu acho que não tinha assim muito...; as internas é que aproximavam mais, eu como externa, ia às aulas e aos estágios .

V.: O que as internas falavam sobre ela?

H.: Eu acho que não tinha assim muito ...

G.: Você não se lembra?

H.: Não, não tem não.

G.: Em relação aos, se deu pra você na época perceber ou foi falado, declarado sobre os motivos da saída dela dessa escola? Por que a dona Waleska saiu da escola?

H.: Ah, não foi declarado pra gente como aluna não.

G.: Você se lembra dessa saída dela?

H.: Lembro, lembro mas não foi assim declarado não.

G.: Como que ela saiu, o que vem na sua memória esse período?

H.: Não, eu, nesse período eu estava em Rio Acima, então, eu fiquei em Rio Acima acho que uns três meses então, esse, esse movimento de saída dela e entrada da dona... da Ir. Villac eu num, não participei né, porque nós estávamos em Rio Acima.

V.: Antes de você ir pra Rio Acima não tinha nenhuma, não se cogitava a saída dela?

H.: Não, não. Ainda não.

V.: Foi um período pequeno então.

H.: É, pequeno, é cogitava não.

V.: Quando ela saiu, saíram algumas alunas também, como é que ficou?

H.: Não que eu saiba, não.

V.: Parece que umas foram transferidas pra Juiz de Fora.

H.: Sim, teve turma que parece que foi, mas eu não, não tomei naquela época, não tomei conhecimento não fiquei sabendo. Ah, fiquei sabendo agora [risos] por elas mesmas que transferiram, a turma acho que da Dulce, né. Da Dulce Mendes, né, acho que foi essa turma mesmo, da Dulce Mendes que foi transferida mas eu não sei o motivo não, não participei.

V.: Na época não se conversava.

H.: Não, não.

V.: E a turma não ficou assim querendo saber, o que aconteceu, que a Waleska saiu?

H.: Bom querer saber, cê queria saber mas [risos] não tinha como, né? Não tinha como, não tinha como não.

V.: E nenhuma hipótese era levantada entre as alunas?

H.: Não, isso aí ninguém sabe não.

G.: E em relação ao ensino ou à vida na Escola o que mudou com a saída da dona Waleska?

H.: Olha, nesse período eu já estava formando né, já estava com todos os estágios prontos, a nossa turma saiu, que a [Zélia] deve ter entrado em junho sei lá, eu não sei e nossa turma terminou em julho. E aí eu já estava com todos os estágios prontos, eu sei que na nossa turma não houve formatura, por causa desse período de transição, não teve esse, esse, a solenidade de formatura não, sabe?

V.: Como é que foi então?

H.: Terminando os estágios, eu por exemplo. fui das alunas que, que terminou os estágios tudo primeiro. Em primeiro lugar eu não tinha falta, nunca faltei nem nada, então estava com os estágios prontos.

V.: Foi pra casa.

H.: Fui pra casa, aí a Ir. Villac falou: a senhora, eu falei :pronto já terminei meu período, o que eu faço?, Ah, mas está faltando não sei que, matéria não sei qual. Eu falei: ô irmã, eu não tinha nada com isso, eu, eu já terminei a, todo currículo escolar, se faltou esse ou aquele, aquele, aquela matéria o problema não é meu. Não voltei não.

G.: Quer dizer que na sua turma não, não houve formatura?

H.: Não.

G.: Solenidade de formatura?

H.: Solenidade, não houve solenidade de formatura.

V.: Nem depois quando organizou um pouco a casa?

H.: Não, ficaram algumas alunas pra terminarem os, os estágios, né, porque por falta, por isso, por aquilo, mas acho que elas foram saindo, nas outras turmas que houve formatura, na minha não.

V.: Quem assinou o seu diploma?

H.: Dona Rosa [risos] da Ir. Villac não quis assinar, dona Rosa.

G.: Você lembra da época da direção da dona Rosa, esse período, pequeno período que ela ficou na diretoria da Escola?

H.: Não, não, eu já tinha saído.

G.: Hum, hum. Ainda no dia-a-dia da escola, como que era a participação da escola junto à comunidade, através de prestação de serviço? A escola prestava algum tipo de serviço?

H.: Prestava, naquele, quer dizer na... tinha uma certa favela ali atrás da Serra, tinha as alunas que participavam lá do serviço comunitário, sabe? E...

G.: Através de plantões particulares.

H.: Também.

G.: Como é que eram esses plantões, quem que dava esses plantões quem que indicava as alunas?

H.: A própria escola né, mas eu nunca fiz esses plantões por ser externa, né, então elas chamavam literalmente as meninas que estavam internadas, que estavam disponíveis e que queriam. Não era obrigatório não, ra voluntário, sabe?

G.: Elas recebiam por esse plantão?

H.: Recebiam.

G.: E pra onde que ia o dinheiro que elas recebiam era pra elas ou pra escola?

H.: Pra ela, não, não, pra elas quer dizer se a escola ficava com algum dinheiro eu não tenho conhecimento.

G.: No seu período existia farmácia aqui na, na Escola, ou prestação de serviço através de aplicação de injeção, ou curativo, existia esse tipo de serviço?

H.: (...) [tosse], ah, na escola não.

V.: É, voltando nesse período um pouco tumultuado que foi em 1948, né, a gente tem outras informações tipo assim em julho de 48 houve um, um, a 2ª Conferência Nacional de Enfermagem. As alunas tomaram conhecimento desse evento da enfermagem, que foi até apresentado um trabalho nesse evento “Enfermagem Industrial na Zona da Mata”.

H.: Acho que sim, quer dizer as alunas, é, é, nós prestamos serviço em enchentes...

[FINAL LADO A]

LADO B

V.: Estava falando que as alunas, né, prestavam serviço, houve uma grande enchente?

H.: É, sim, é na Zona da Mata, então, eles convocaram a escola, nós fomos várias alunas participaram.

V.: Como é que era com, como é que eram as atividades lá?

H.: É com, fazendo, fazendo profilaxia, né, através de, de vacinação.

V.: E onde que vocês ficavam?(...)

H.: Ah, gente não lembro disso não.

V.: Na casa de alguém, hotel?

H.: Numa escola, não sei, não tô lembrada não.

V.: Não tá se lembrando?

H.: É não tô me lembrando não.

V.: É, no tempo do internato, você se lembra do quarto coruja? Você não era do internato mas...

H.: Não, não.

V.: Não. Onde as alunas ficavam depois do plantão quando podiam?

H.: É, eu, eu lembro das meninas falavam que iam ficar no coruja. Era um quarto mais reservado, né, que tinha duas camas e mais reservado que elas podiam descansar melhor.

V.: Era pra, o objetivo desse quarto?

H.: É, pra descansar melhor.

V.: Pra descansar melhor.(...)

G.: Helena, alguma solenidade [tosse] em data importante da cidade que a escola participou eventos, na cidade você se lembra de algum?

V.: Cívicas, religiosas?

G.: A Escola participando em atividades cívicas, religiosas [bater de porta] da cidade? Você enquanto aluna, alguma forma de organização das alunas, algum... hoje tem o diretório acadêmico, mas nessa assim época existia alguma forma de organização?

H.: Não, não estou lembrada não.

V.: Não tinha, na Semana Santa, 7 de setembro, Semana Brasileira de Enfermagem?

Você não se lembra?

H.: Não, não, não estou lembrada não.(...)

G.: Além do estágio em, em Rio Acima, você falou que nessa época fazia mas era no Hospital Municipal.

H.: Hospital Municipal e Pronto Socorro.

G.: No seu período não houve nenhum estágio no Hospital das Clínicas.

H.: Não, não.

G.: Como, que você disse que não houve solenidade de formatura, entre vocês, vocês fizeram alguma festa entre as alunas.

H.: Não, não.

G.: Não, não.

H.: Não.

V.: Foi, foi muito triste esse final Helena?

H.: Não, não foi triste não [risos] foi cada para um lado. Nós éramos até unidas mas não teve solenidade.

V.: Estranho só, né.

H.: É, estranho, estranho [risos]

G.: Foi estranho na época, cada uma pegou seu diploma.

H.: E pronto.

G.: Tá, já que cada pegou seu diploma fala pra gente cê pegou seu diploma e como que cê começou sua vida profissional?

H.: [risos] Quando eu peguei meu diploma eu já estava nomeada. Antes de, antes de receber meu diploma eu já comecei trabalhar, né, porque eu não queria voltar a ser professora, e por sorte, né, encontrei com uma amiga e ela falou assim: “Hoje eu tenho uma audiência marcada com o governador”. [inaudível] Eu, “Já, só se for agora.” Nós fomos lá agora, e na época, na época era o Dr. Milton Campos, fomos lá na, na audiência eu fiz o pedido de, de, pra mim e pra ela como enfermeiras, ela já, já estava também com o período quase pronto, e por incrível que pareça com três dias saiu a publicação no Diário Oficial Minas Gerais.

V.: Era fácil falar com o governador naquela época?

H.: Não era fácil, era , não era fácil, era até difícil, mas se você estava, estivesse com uma, com uma audiência marcada, não tinha problema que ele recebia mesmo.

V.: Sua família é de político?

H.: Não, nenhum.

V.: Ou tem alguma...

H.: Não, nada, nada.

V.: Ou tem alguma interferência familiar?

H.: Nada, nada absolutamente, nada absolutamente, pedi pra mim e pra ela. Aí depois a, uma das instrutoras da escola dona Madalena Correia, ela falou assim dis, disseram que ele estava pensando em me aproveitar para instrutora da escola. Quando eu falei que já tinha sido nomeada, ela falou assim: “Olha que incrível, você caladinha”! [risos]. Eu falei assim, não caladinha não, eu tive que trabalhar, né, procurar, correr atrás. E, foi publicado com três dias.

G.: E a escola estava correndo atrás de instrutora nesse período, não foi logo na sua formatura, você lembra disso, dessas?

H.: [risos] Não, não lembro não porque eu também desliguei da Escola, comecei a trabalhar num, num.

G.: Então fala pra gente sobre o seu, o trabalho que você desenvolveu, que cargos que você ocupou que tipo de atividade que você fazia enquanto enfermeira?

H.: Eu fui pra, eu fui nomeada como enfermeira de Saúde Pública, eu trabalhava no Centro de Saúde Noraldino Lima e lá fiquei por um período, eu não me lembro quanto tempo que eu fiquei lá. Nessa época tinha um serviço de visitação domiciliar a gente, as enfermeiras eram acho que umas seis enfermeiras lá no centro de saúde todas com visitação domiciliar, atendia   gestante e puérpera e infantil, tuberculose e lepra. Foi um período muito bom l  no trabalho mas muito bom na saúde pública. Depois disso eu fui pra, depois de, desse período como enfermeira visitadora, eu fui, passei a trabalhar no dispensário de tuberculose. Lá eu fiquei um bom período trabalhando com tuberculose, e até quando? [risos] No dispensário eu fiquei até aposentar.

G.: E cursos depois que você se formou em enfermagem, você fez algum, mais algum curso de aperfeiçoamento, que tipo de curso?

H.: Fiz. Na época não tinha ainda saúde pública, né, aqui na escola como especialização, né, eu não sei se hoje chama especial, especialização. Eu fiz em São Paulo na Universidade Federal.

V.: Como é que foi esse curso lá?

H.: Excelente, excelente, muito bom mesmo, como nós tínhamos estágio teórico e prático muito bom, muito bom mesmo.

V.: Você ficou lá onde?

H.: Na esc, na própria escola, antigamente tinha um internato lá, nós ficamos lá.

V.: No internato.

H.: No internato da escola.

V.: E nesse período você se relacionava com as alunas de lá da graduação?

H.: Também, também e, mas o curso especialização era só já, éramos vinte e tanto, trinta e tantos deve ser umas trinta e tantas alunas.

V.: Só enfermeiras.

H.: Só enfermeiras.

V.: De todo o Brasil.

H.: De todo o Brasil e do exterior, nós tínhamos um, um da África do Sul, e tinha duas portuguesas também, uma porto-riquenha acho que só, o resto é do Brasil.

V.: Muita coisa diferente nesse curso de conhecimento teórico, Helena?

H.: (...) Sim o, a, um pouco diferente porque por exemplo, estatística, a estatística era bem pesada a gente fazia com, na Escola de Saúde Pública junto com todos os cursos de especialização e pós-graduação; estatística a gente fazia com ele, e estatística era bem pesado, foi bem mais profundo né que na escola. As outras matérias também acho que sim.

V.: Por exemplo, a parte da enfermagem alguma novidade, algum conceito diferente do que você já tinha conhecimento?

H.: Não, conceitos [tosse] assim não, né, mas um, um melhoramento, um aperfeiçoamento sim, mas conceito mesmo... A gente tinha assim mais experiência, né Valda? Que o, lá era o campo de estágio era muito grande por exemplo a, a nossa esc, por exemplo na nossa escola na nossa época por exemplo materno infantil era, era nós tivemos oportunidade de fazer assim hoje eu nem sei se tem mais oportunidade de

fazer o tanto de parto que a gente fazia, né? E lá nesse período de saúde pública lá eles exigiam o mínimo de vinte partos por aluna, né, então, aquelas escolas que não tinham esse, esse, como que chama? Custava fazer, mas felizmente a nossa, né, foi só eu que fui nessa época, nós brilhamos, né, porque a gente tinha bastante experiência, né, porque a gente fazia sozinha mesmo, né.

V.: Fazia sozinha mesmo no tempo de aluna ou?

H.: No tempo de aluna, no tempo de aluna, né sem o instrutor, lá no Rio Acima mesmo a gente fazia sempre.

V.: No Rio Acima.

H.:É, aqui mesmo.

V.: Aqui em Belo Horizonte também.

H.: Aqui também, também.

V.:... no Municipal.

H.: No Hospital Municipal, fazia sim.

V.: Durante o dia ou durante à noite?

H.: Todo, qualquer período, `as vezes quando a instrutora via que a gente tinha capacidade de...que você já tinha capacidade pra fazer ela não ficava, naquele período que a gente já, já desenvolvia melhor, né, as ações.

V.: Fazia sozinha mas tinha a instrutora no local?

H.: Tinha no local, claro.

G.: Tinha instrutora e tinha outro profissional no caso um médico, como que era relação das, das alunas com os alunos de medicina ou com os médicos, como é que era o relacionamento?

H.: Tinha, tinha, Muito boa, muito boa, por exemplo, no Hospital Municipal o diretor da clínica, por exemplo da maternidade era o nosso professor de, de obstetrícia o Dr. Henrique Costa, na época e tinha mais acho que uns cinco, cinco estudantes e naquela época que nós também estávamos fazendo estágio, e sempre tinha também, né, estudante, quer dizer eles preferiam, né, eram preferidos, né, porque a gente é que não deixava pra eles não, né?

V.: [riso] Tinha briga?

H.: Não era briga mas se você pudesse fazer sem a, sem eles por perto cê fazia, né. Quando era um caso assim mais complicado, claro que você não assumia, né, se você não dava conta de fazer uma anamnese você não fazia chamava, chamava Dr. Henrique, chamava o estudante que era o responsável e estava de plantão você não assumia é claro que não assumia mas se você viu que era uma coisa simples, que saía até andando você fazia tranquilamente, não chamava estudante nada. A gente gostava fazia, gostava. [risos]

G.: Gostava de fazer...

H.: Gostava de fazer.

V.: Então essa experiência da escola foi bastante importante quando você foi...

H.: Ah, sem dúvida, sem dúvida, sem dúvida.

G.: Helena por falar na atuação, da, do aluno de enfermagem, ou do enfermeiro da atuação dele nessa sua vida, na sua trajetória de vida enquanto enfermeira, como que você vê hoje, né, como que a enfermeira é vista hoje pela sociedade existe diferença de como ela era, era vista na época que você começou a fazer o curso, como cê, você consegue perceber alguma diferença nesse tempo, como que é, que é era em termo da função ou como que a sociedade via?

H.: Não, na sociedade acho que era muito bem aceita, a enfermeira era muito bem aceita naquela época também, tá. E... não, num, é claro que, que houve uma evolução muito grande, mas eu acho que em todas as duas épocas a enfermeira foi sempre foi muito bem aceita.

G.: A senhora acha que hoje ela continua sendo...

H.: Claro, claro.(...)

V.: Você foi pra São Paulo e quando você voltou?

H.: Quando eu voltei, foi, foi uma experiência muito boa eu já nesta época, eu já estava no Júlia [Hospital Júlia Kubitschek], , né, continuamos a trabalhar. Aí começamos um trabalho bom de saúde pública que foi participação nossa no, na naquela época no Egresso [unidade ambulatorial para controle do tratamento de tuberculose após alta hospitalar dos pacientes até alta definitiva] né, que foi um período muito bom, que nós estivemos.

G.: Além de atuar como enfermeira nestas instituições que você trabalhou, você participava de alguma outra atividade na enfermagem alguma associação?

H.: Desde que eu me formei na ABEn [Associação Brasileira de Enfermagem], né.

G.: Vamos falar dessa história da ABEn então, como é que foi sua participação na ABEn a importância disso pra você?

H.: Não, importância foi porque eu sempre gostei de ser enfermeira, né, e desde que eu me formei, eu me associei e nunca deixei de associar e sempre participando nas diretorias, por aqui, por ali e pronto de lá pra cá sempre.

V.: Você lembra da, da criação da ABEn em Minas Gerais, foi em 1949.

H.: Não, não participei não foi o período que eu, que eu me formei. Então, logo que eu me formei teve esse movimento já com as alunas: “Olha, você vai ser sócia da ABEn associação de enfermeiras” Lá fui eu ser sócia da ABEn, e participei.

V.: Quem fazia essa campanha?

H.: As al, as enfermeiras, as próprias enfermeiras.

V.: Do serviço.

H.: Do serviço.

V.: E as professoras tinham alguma participação no tempo de aluna?

H.: Tinha também, quer dizer como aluna não me lembro ainda não acho que não tinha ainda não a participação das, das instrutoras como com as alunas sobre a ABEn não. Já me lembro da, da já no período depois como a gente, já como profissional.

V.: Como é que foi esse início de suas atividades na ABEn, como é que você via a associação, onde é que ela era?

H.: Nós não tínhamos sede, não tínhamos nada, tínhamos só a boa vontade, e reuníamos aqui, ali na Santa Casa, na, no antigo Hospital São Vicente, mais na Santa Casa, sabe? Até que conseguimos a sede, mas isso foi muito depois batalhamos muito antes disso.

V.: Que atividades, quais atividades que vocês desenvolviam na associação naquela época?

H.: Além de recrutamento de, de, de enfermeiras como sócia a gente já tinha, já participava de Semana de Enfermagem, fazia, fazia reuniões, fazia assim movimentos, tipo assim conferências chamava pessoas pra, assim pra...

V.: Tinha muitas enfermeiras que participavam?

H.: Não eram poucas não eram muitas não, foi crescendo [risos] gradativamente.

V.: Helena em 55 teve um Congresso Brasileiro de Enfermagem aqui em Belo Horizonte você se lembra?

H.: Lembro.

V.: Fala pra gente desse congresso.

H.: 55, foi em 55? Foi sobre , como é que chama?

V.: A Marina de Andrade é que presidiu.

H.: Era a presidente, não é? Foi como é que chama? (...)

V.: Não fala o tema (referindo-se ao roteiro de apoio).

H.: Sim como chama isso? É.

G.: Como, qual, qual foi a sua participação nesse congresso, como é que você participou?

H.: Não, como enfermeira mas não tive atuação assim nenhuma [inaudível] falar sobre o que gente? ...Sindicalismo, acho que foi o sindicalismo, não foi?¹

V.: Não, não me lembro.

H.: Sindicato, foi o sindicato [tosse] se não me engano.

V.: Nessa época era a Nayr é que era presidente da ABEn, você se lembra?

H.: Lembro, eu acho que era tesoureira, ou secretária [risos] na época se não me engano.

V.: É, e a Marina de Andrade também morava em Belo Horizonte neste período, fala um pouquinho você lembra da, dessas relações, dessas pessoas, da atuação?

H.: Com a Marina eu tive pouca convivência com a Marina, não tive muita convivência com ela não.

V.: A irmã Teresa.[Nortanicola]

H.: Irmã Teresa também, aqui assim a ligação que a gente tinha assim com a irmã Teresa, ela nos movimentos, ela participando, incentivando, botando todo mundo pra frente.

¹ O tema central foi O papel da enfermagem no programa de assistência médico-hospitalar. Maria Rosa de Lima. presidia a ABEn Nacional; Marina de Andrade presidiu a Comissão Executiva; Nayr Rodrigues da Cunha assumiu a presidência da ABEn MG em março/55, substituindo Ophélia Drumont de Andrade.

V.: Depois, é mais alguma coisa da ABEn nesse período de 50? Ou da enfermagem, alguma coisa importante nessa década?

H.: Ô Valda a gente participava, mas a gente não tinha assim, né, que todo mundo assim com muito trabalho e tudo então, era...(...)

V.: As reuniões eram, aconteciam na, na, mensalmente?

H.: Mensalmente, sabe? [inaudível] a gente mensalmente, com poucas enfermeiras mas fazíamos.

V.: Do outro congresso você se lembra, em 60, da década de 60?

H.: Ah, assim, não.

V.: Não, né? O de 72, e o último você se lembra de 84?

H.: Lembro.

V.: O que você se lembra deste congresso que foi um marco assim pra ABEn?

H.: (...) Ah, um período muito assim muito difícil por causa de que, de, de, de divergências, de, de [risos] de diretoria mas eu como sempre não sou de, de não sou de briga, não sou de nada ficava por fora, deixava pra lá [risos].

V.: É realmente foi um período de muita, muito desencontro, né?

H.: Desencontro, né? Mas eu não participava disso não.

V.: Mas dos motivos das discussões eram levado na, na diretoria essas, aqueles desencontros.

H.: É, porque num, esse encontro porque é justamente por causa de desencontro, né, um não, não aceitava a idéia do outro e pronto, tinha esses desencontros mas eu não participava disso não.

V.: E da daquela época, daquele, daquele grande desencontro, das confusões que houve durante o congresso, você se lembra da posse, da nova diretoria

H.: Não, acho, quer dizer a minha maneira de perceber, né, Valda, não houve assim, quer dizer,...) como que eu diria isso? (...) Era mais um, sei lá um, mesmo um desencontro deles falarem que não dava posse a diretoria aquela confusão ess, essa, esse enigma, né, então, mas não, não foi assim...

V.: A partir desse período você apesar desse desencontro de uma diretoria com a outra, a outra diretoria que começou a assumir a partir de então você continuou na ABEn?

H.: Claro.

V.: Isso não, não...

H.: Não, não absolutamente, eu sou enfermeira, não sou...

V.: Não interferia na sua atividade profissional e associativa, né?

H.: Não absolutamente, não, absolutamente.

V.: Atualmente você está um pouco afastada da ABEn.

H.: Não, eu não tô assim afastada não eu até participo [risos] quer dizer não que, é uma pessoa que, que trabalha ali na, na com a diretoria, eu sou apenas sócia, né.

V.: E você aposentou, cê afastou?

H.: Não, não que num, num tô participando mesmo assim da diretoria, mas eu vou sempre que, e gosto, o importante é gostar, né.

V.: Você lembra da, do ano passado daquela comemoração que teve, na Semana Brasileira de Enfermagem?

H.: Lembro.

V.: Inclusive você foi a grande homenageada a pessoa, a enfermeira que mais participou da, da diretoria da associação nesse período de, nessa, em três décadas que estava sempre presente, né?

H.: É, sempre participando, né, como até hoje.

V.: Como até hoje. É depois cê saiu, seu última, sua última atividade profissional foi no Júlia, Helena?

H.: Não, depois eu tive um contrato pela secretaria de saúde. Fiquei na secretaria de saúde ainda quase 20 anos.

V.: Você saiu do Júlia, pediu demissão ou, ou...

H.: É, pedi, pedi demissão.

V.: E voltou para o Estado. Nesse período que cê estava no Júlia, você estava afastada do estado ou estava nos dois?

H.: Não, estava foi paralelo.

V.: Foi paralelo, né

H.: É.

V.: Aí cê voltou para o Estado e em que atividade você...

H.: É, saúde pública mesmo.

V.: Saúde pública mesmo. No posto, no centro, na administração geral?

H.: Não, não, eu estava na, na epidemiologia.

V.: Quer falar um pouco pra gente dessa, desse período como enfermeira?

H.: Olha nossas atividades lá na, na epidemiologia a gente cuidava de, das doenças transmissíveis, né, é, difteria, coqueluche, lepra, fazia investigações, né, cuidava dessa parte toda, um período muito bom, trabalhamos bastante. É continua, né, que eu deixei mas continua.

V.: Aí você saiu de lá quando aposentou?

H.: É, é quando me aposentei.

V.: Como é ser aposentada, pra você?

H.: Bom, pra mim eu não tive grandes problemas, não porque eu acho que, que foi um, já estava na hora mesmo de aposentar, né, chega um ponto que a gente já, já, né, já quer ficar mais...

V.: Algum motivo te levou a, a pedir a aposentadoria especial, ou...

H.: Não Valda, eu aposentei por compulsória por ter 70 anos. Quer dizer já não podia ficar mesmo, mas eu fui muito bem, sabe, fui muito bem aceita lá entre outras colegas, fui muito bem, felizmente.

V.: Se você pudesse você teria continuado?

H.: Sim, não tinha nenhum problema nenhum não, que eu tenho bastante saúde, graças a Deus tenho capacidade pra trabalhar e trabalho como qualquer uma outra pessoa com menos idade do que eu, né, e não vi nenhuma objeção não, ficaria.

V.: Ficaria, né. O que você tem feito atualmente?

H.: Agora eu sou dona de casa [risos].

V.: Você tem filhos, Helena?

H.: Não, não, tenho não.

V.: Você mora...

H.: Moro com meus irmãos.

V.: Cuidando da casa, sente saudade?

H.: Sinto, mas não é muito não, tem o meu período assim, sabe, eu estou sempre fazendo alguma coisa, não tenho muito.

V.: Mas principalmente a vida em família?

H.: Em comunidade também, né.

V.: Você faz um trabalho de comunidade?

H.: Faço.

V.: Então fala pra gente.

H.: Mas é pequeno, não faço assim, faço com idosos, sabe, pequeno é coisa, agora que nós estamos começando com um trabalho lá na, na favela, um grupo de, de amigos que estão, sabe não tem ainda uma nada, organização, agora que nós estamos organizando, sabe?

V.: Nós quem?

H.: Ah, [risos] são as amigas do grupo de oração que resolveu fazer isso, sabe, então, estão tentando vê se a gente faz, fazendo com visita colocando, vendo essas pessoas assim [inaudível] eu como enfermeira também elas cada um na sua, na sua condição, né, fazemos visitas e vemos a situação desses idosos na famílias e na comunidade, sabe. Estão tentando ver se a gente consegue assim colocar, sabe, algumas pessoas já colocamos algumas pessoas assim e mais estabilizadas e estamos pretendendo fazer, organizar, fazer um mais um, com mais organização. Por enquanto ainda não tenho não, sabe.

V.: Que tipo de problema vocês mais encontram em relação ao idoso?

H.: Tem muita rejeição, né, rejeição, rejeição pela família, né, sabe?

V.: Aí vocês tentam fazer algum encaminhamento?

H.: É, encaminhamento e conversamos com a família, pra ver se tem condições de ficar na própria família, estamos esquematizando fazendo um levantamento primeiro, sabe, estamos na fase inicial.

V.: É um trabalho interessante, nós estamos indo pra lá, né, Helena? [risos][ambas são aposentadas Mais alguma coisa assim que cê tá lembrando agora, que cê quer colocar pra gente, ess, dessa sua vida, da sua família, as relações com as sua colegas de trabalho?

H.: Olha eu sempre, graças a Deus eu fui muito feliz no meu período de trabalho, sabe, muito mesmo, sempre fui muito bem assim, aceita, não tive assim problema nenhum com colega, sempre me relacionei muito bem, não sei se elas falam o mesmo de mim.

V.: Você faria enfermagem de novo?

H.: Ah, sem dúvida, se eu pudesse voltar, sem dúvida, gostei demais foi muito bom pra mim, fui muito feliz.

V.: Que bom saber.

H.: É, tive muita oportunidade, foi muito bom.

G.: Ô Helena a gente só tem a agradecer você essa contribuição, tá.

H.: Não, tem não vocês pegaram a pessoa errada, que eu não tenho muito o que falar não.

V.: Isso tudo que você falou é tudo muito importante, Helena.

[FINAL LADO B]

[TÉRMINO DA ENTREVISTA]

FICHA TÉCNICA

Data da Entrevista: 17 de setembro de 1996

Local: Escola de Enfermagem da UFMG

Número de Fitas: 01

Duração: 55 minutos

Entrevistadores: Geralda Fortina dos Santos

Valda da Penha Caldeira

Adriana Ferreira Pereira

Conferência de Fidelidade: Valda da Penha Caldeira

Traços Biográficos e Sumário: Valda da Penha Caldeira